

APRESENTAÇÃO

O Dossiê originou-se de trabalhos que foram apresentados durante a XI Semana da Mulher¹ realizada na UNESP, campus de Marília com objetivo de debater a temática da *mulher, gênero e violência* diante de pesquisas contemporâneas e das novas perspectivas epistemológicas. De natureza multidisciplinar, o evento possibilitou a criação de um espaço para diálogos e interfaces entre os estudos de gênero, os feminismos, os movimentos sociais e suas distintas demandas, os direitos reprodutivos e de cidadania, confluindo com as práticas cotidianas e de violência em uma sociedade que se almeja democrática.

Os textos e suas(os) autoras tiveram como preocupação a reintrodução da temática em foco, relacionando-as com questões consideradas, para alguns, “superadas” mas que, partindo de um lugar e com as críticas do tempo presente e os debates que se colocam na agenda feminista contemporânea e pós-colonial, apontaram para significados que levaram em conta as experiências, a subjetividades e o vivido do “ser mulher”, categoria essa tida como unitária e homogênea.

Revitalizada pela interseccionalidade/interseções² entre gênero, classe, raça, geração e sexualidades, o sujeito feminino subalternizado e silenciado emergiu nessa virada do milênio como sujeito político que desafia as normas de subordinação e as relações de poder, inclusive provocando alterações epistemológicas no meio

¹ O evento de natureza nacional e internacional, ocorreu de 9-11/04/2017, com a coordenação geral da Prof. Tania Suely A. M. BRABO e Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania de Marília (NUDHUC), em parceria com o Laboratório Interdisciplinar de Estudos de Gênero (LIEG), o Grupo de Pesquisa, Formação do Educador (GP Forme), ambos da FFC; do Centro de Investigação em Educação e Intervenção Educativas (CIEE); da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

² Como categoria analítica é aprendida em uma historicidade onde as relações de gênero, classe, raça, geração e sexualidades possuem “múltiplas diferenciações que incorporam aspectos econômico, político, cultural, físico, subjetivo e experiencial que se interseccionam em contextos historicamente específicos”. BRAH e PHOENIX, In: Não sou mulher? Revisitando a interseccionalidade, BRANDÃO *et alii*. (Org). **Traduções da cultura – perspectivas críticas feministas** (1970-2010). Florianópolis: EDUFAL; Editorada UFSC, 2017, p.663-664.

acadêmico e na produção do conhecimento. Tangenciados por distintos eixos teóricos metodológicos, os artigos que compõem esse dossiê reavivaram o sentido do que significa ser “mulher” em diferentes circunstâncias históricas, desafiando as noções a-históricas e essencialista de mulher.

Por que retomar a “interseccionalidade”, nesse caso? Pela riqueza e sofisticação analítica que ela pode proporcionar? Pelas distintas experiências de mulheres que a cada momento e situações evidenciam sujeitos performáticos em suas práticas e identidades?

Entendemos que pensamento moderno ilustrado redigiu uma pauta de diretrizes e normas de pensar o Outro, quase sempre abstrato, sem corporificações. Com o advento do pós-estruturalismo nos anos 90, a teoria do discurso, a desconstrução, a psicanálise, a análise dos processos sociais, a teoria *queer* e a crítica pós-colonial, constatamos que há diferentes feminismos para além de uma concepção teórica homogênea do Norte.

Tornou-se urgencial com os relevantes estudos autobiográficos e empíricos, levar em conta que os movimentos sociais, os feminismos, os sujeitos, a violência das relações de gênero são produzidos em relações históricas contingências e sempre podem ser contestados nos múltiplos posicionamentos.

É nesse contexto, o conceito de “agência” é substancialmente importante ao ser reconfigurado com as novas teorias de subjetividades que afloram e fornecem subsídios e compreensão da vida psíquica e emocional e das relações sociais.

As(os) autores presentes desse dossiê, que são colaboradores e trouxeram para o campo das discussões a análise de distintos objetos, que tangenciam e entrecruzam com a temática “Mulher e Gênero” refletidas, em um primeiro bloco, com o papel da mulher, das mulheres, da violência e das relações de gênero e classe, tais como : o papel da mulher enquanto chefe de família e mãe, fornecedora da dinâmica das relações familiares em circunstâncias vulneráveis; a prática arbitrária e ilegal do uso de algemas em mulheres detentas durante o parto, apesar da presença de uma legislação e jurisprudência contra esse ato de violência; o papel da mulher numa sociedade de classes, situando a discussão de que a subalternidade feminina é ideológica, construída por um pensamento que valoriza o que pode se tornar propriedade; as mulheres vítimas de violência doméstica, quase sempre inseridas em um processo vitimizatório, que mesmo diante da Lei Maria da Penha sofre o que denomina-se de culpabilização; a violência de gênero e a cultura do estupro vivenciadas no espaço universitário situando a urgência de garantir efetivamente a inclusão social, de gênero e racial na vida acadêmica diante dos inúmeros enfrentamentos e os conflitos. Em um segundo momento, dois artigos que investem no campo da literatura e das relações internacionais, reintroduzindo a discussão dos sujeitos e de categorias que fogem da normatização dos gêneros e se ancoram em visões sexistas que colocam como prerrogativas de verdade um discurso monolítico e monopolizador.

Fica registrado, portanto, a nossa contribuição teórica que devidamente situada no tempo presente, amplia as discussões sobre os estudos de *gênero e mulher* e contempla as novas ferramentas e possibilidades analíticas que desafiam o jogo de poder em sua dimensão local e global.

Lidia M. V. POSSAS.

Livre Docente História e Gênero da Faculdade de Filosofia e Ciências da
UNESP – Marília/SP
Coordenadora do Laboratório Interdisciplinar de Estudos de Gênero /LIEG
e- mail. lidia.possas@uol.com.br

